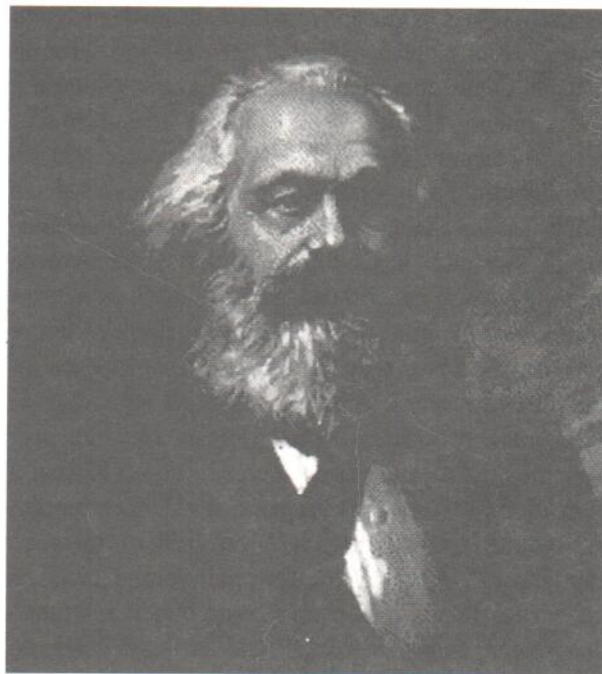


NANCY HOLMSTROM*

No seu "Prefácio" de 1872 ao *Manifesto comunista*, 25 anos após sua primeira edição, Engels declarou que seus princípios gerais permanecem tão corretos como antes, embora as aplicações práticas dos princípios sempre dependessem das condições históricas específicas que prevalecem. Quero concentrar-me sobre um desses princípios básicos: a saber, que, para Marx, o socialismo é um modo de produção que envolve o poder democrático da classe operária. Dada a história dos passados 150 anos, é mais importante do que em qualquer outro momento esclarecer e reafirmar esse princípio.

No *Manifesto* Marx e Engels expuseram que "o primeiro passo na revolução da classe operária consiste em elevar o proletariado à posição de classe dirigente, para ganhar a batalha da democracia". Esse pronunciamento deve ser considerado tanto como meta da revolução da classe operária e o significado disso, semelhante à primeira regra de Marx para a Liga Internacional dos Trabalhadores: "A emancipação da classe operária deve ser um ato da própria classe operária." Como Hal Draper ilustrou no seu ensaio sobre "As duas almas do socialismo", essa concepção do socialismo por baixo nunca foi dominante entre os que se dizem socialistas, mas tem aparecido e reaparecido de tempos em tempos nos combates da classe operária. Desde que o stalinismo desacreditou a própria idéia do socialismo nas mentes de muitos, torna-se ainda mais crucial que no tempo de Marx e Engels desenvolver uma visão de socialismo que seja ao mesmo tempo atrativa e plausível. Mas uma preliminar necessária para desenvolver visões deste tipo – ideal ou transicional – é deixar claro o caráter fundamental do modo socialista de produção. Os socialistas necessitam comprometer-se com a democracia quanto aos meios e fins e entender o que esse compromisso realmente acarreta.

Em anos recentes, proponentes do "socialismo de mercado" vêm clamando sob o manto do socialismo democrático, argumentando que sua aproximação é muito mais prática do que a meta socialista tradicional do planejamento democrático, descrito por Marx como "produtores associados regulando racionalmente seus



intercâmbios com a natureza, mantendo-o sob seu controle comum". Entretanto, não é seguro que os socialistas de mercado tenham desenvolvido uma alternativa significativa ao conceito de socialismo de Marx. O termo "socialismo de mercado" tem sido usado para caracterizar sociedades, reais ou projetadas, com estruturas de classe essencialmente diferentes. Assim, nos anos 70 e 80 proponentes do socialismo de mercado, tais como Janos Kornai, falavam de reforma das economias burocráticas do Leste Europeu pela introdução das relações de mercado, cujo resultado seria o socialismo de mercado. Também se supõe que a China esteja se movendo para o socialismo de mercado através da introdução de reformas de mercado. Numa outra perspectiva, propostas de alguns socialistas de mercado do Ocidente, por exemplo John Roemer no seu *Um futuro para o socialismo*, soam pouco diferente das sociedades capitalistas do Estado do bem-estar como a Suécia, porém com mais cooperativas. Outros modelos, tais como os descritos por David Miller em *Mercado, Estado e comunidade* e David Schweickart em *Contra o capitalismo*, clamam por mudanças mais radicais, como controle democrático da produção, investimento e distribuição de lucro dentro da empresa e formas mistas de propriedade.

* Publicado em *New Politics (New Series)*, vol. VI, nº 4, Canadá, 1998, pp. 136-140. Tradução de Dina Lida Kiroshita.

Em sua maior parte, os socialistas de mercado dão pouca atenção ao problema da transição, refletindo sua incerteza a respeito do socialismo de mercado enquanto uma reforma do capitalismo ou de uma economia burocrática ou como uma transformação social revolucionária. Mas os que apóiam o socialismo de mercado ainda devem explicar adequadamente como seria tal sistema, como operaria, como seria avaliado moral e politicamente, e, ainda, se ele é mesmo factível em seus próprios termos. Portanto, na China, o mercado foi introduzido, mas o resultado não foi um novo sistema que possa ser chamado significativamente de socialismo de mercado. Ao contrário, o que se desenvolveu foi uma mistura instável de elementos do Estado burocrático e do capitalismo – do tipo mais primitivo e patriarcal – com o setor capitalista claramente em ascensão. Malogros semelhantes para reformar as economias burocráticas do Leste Europeu levaram proponentes do socialismo de mercado como Kornai a concluir que foi uma “esperança vã”. Como argumentou Richard Smith (“A corrida chinesa ao capitalismo”, *New Left Review*, maio/junho 1993), o que o caso chinês demonstra é como o mercado funciona, que, apesar do significado do termo, depende do modo de produção do qual parte.

Essas confusões refletem o malogro para entender o que é argumentável, o conceito central explicativo do marxismo: o “modo de produção”. Em todas as sociedades de classe a classe no poder explora os produtores diretos. Mas como o fazem é diferente, e para Marx isso faz toda a diferença. Como ele diz em *O capital*, volume III:

É sempre a relação direta dos proprietários dos meios de produção com os produtores diretos – uma relação cuja forma atual sempre corresponde naturalmente a um estágio definido de desenvolvimento das vias e meios de trabalho e portanto sua força social produtiva – que sustenta seu segredo mais íntimo, a base oculta de toda a estrutura social e portanto também da forma política da relação soberania-dependência, em resumo, do Estado neste caso.

Esse conceito do modo de produção, portanto, enfoca as relações extrativas do excedente que estão no próprio cerne da vida econômica (ver Ellen Meiksins Wood, *Democracia contra capitalismo*). Assim, por exemplo, o capitalismo leva ao desenvolvimento das forças produtivas porque é um sistema de reprodução ampliada e seu desenvolvimento é uma maneira de incrementar a mais-valia; o feudalismo, por outro lado, não levou ao desenvolvimento porque havia limites ao

excedente que os nobres feudais podiam utilizar para comprar cavaleiros e construir castelos. Do mesmo modo, a razão pela qual o mercado não torna o setor estatal na China mais eficiente é que o comportamento é irracional do ponto de vista da economia capitalista, tal como um crescimento maximizado independente da demanda era totalmente racional na China, dada a estrutura de relações sociais burocráticas. Do mesmo modo, o papel que o mercado exerce no modo socialista de produção depende justamente de como o modo de produção é entendido.

Os socialistas de mercado dão pouca atenção ao problema da transição, refletindo sua incerteza a respeito do socialismo de mercado enquanto uma reforma do capitalismo ou de uma economia burocrática ou como uma transformação social revolucionária.

A caracterização mais simples do modo de produção socialista então é, em contraste com todas as sociedades de classe, que não existe uma classe dirigente que extrai mais-valia do trabalho dos produtores diretos, já que os produtores diretos são a classe dirigente. Enquanto o capitalismo assume uma separação entre o poder econômico e político, a sociedade baseada em princípios socialistas deve ter a classe operária constituindo ambos os poderes, o poder dominante sócio-econômico e o poder político – e não apenas nominal, como no caso do modo burocrático de produção, mas de fato.

Essa definição de socialismo como o poder da classe operária é notavelmente diferente das definições oferecidas por numerosos outros socialistas, dos utópicos aos autodeclarados marxistas, para os quais o poder da classe operária não foi essencial para o socialismo. Muitas definições de “socialismo” se referem ao pós-capitalismo, uma economia que desautoriza a propriedade privada da maioria dos meios de produção e que não tem divisões sociais juridicamente reconhecidas. Tal definição muito extensa e negativa

não serve para explicar nem os propósitos políticos que Marx pretendia (não é evidente por que alguém lutaria por isso) e é compatível com o poder da classe burocrática. O ponto chave é que o controle econômico e governamental da classe operária é que define o socialismo, mais que a participação, conceito muito mais vago e débil, em geral invocado para mostrar que determinada sociedade é “uma democracia popular”. Ambas as sociedades, capitalista e burocrática, permitem algum grau de “participação”, como era o slogan da França no maio de 68, “Eu participo, tu participas, ele/ela participa, nós participamos... eles lucram”. Eles lucram porque eles controlam – e isso é o que a classe operária deve fazer para assegurar que ninguém mais lucre com o seu trabalho.

Mas sobre como a classe operária exerceria seu poder, Marx notoriamente disse muito pouco. No exemplo da Comuna de Paris, entretanto, onde pela primeira vez na história a classe operária tomou o poder e começou a substituir a velha máquina governamental por sua própria máquina, Marx anunciou que havia encontrado “a forma política [...] sob a qual funciona a emancipação econômica do trabalho”. É espantoso que ao longo do século XX, seja onde for que a classe operária tenha lutado pelo poder, instituições semelhantes tenham estalado, tais como os soviets na Rússia em 1905 e 1917 e os conselhos operários na Hungria em 1956.

É importante esclarecer que na sociedade socialista “os produtores diretos” incluiriam todos aqueles que vivem do seu trabalho, dentro e fora de casa, desde que o “trabalho produtivo” não fosse restrito ao trabalho produtivo da mais-valia. Mesmo hoje, quando, diferentemente do século XIX, as mulheres formam a maioria do proletariado nas novas nações industrializadas, existe uma tendência infeliz de ver “os produtores diretos” como predominantemente masculinos. Esclarecer o significado mais amplo do “trabalho produtivo” sob o socialismo auxiliaria no combate dessa noção errônea, comum. E esse significado mais amplo poderia ser institucionalizado na comunidade e nos conselhos de consumidores, que seriam adicionados aos conselhos de trabalhadores (assalariados).

A luta pelo controle democrático direto do Estado pelo povo trabalhador vai muito além da democracia liberal, pois ele transcende a estreita esfera política e legal a qual na democracia no sentido liberal é necessariamente restrita. Ao estender a democracia à economia, a esfera política e legal é, conseqüentemente, também transformada. Por essa razão, debates que discutem se a democracia socialista só difere na maneira ou é me-

ramente um grau da democracia liberal estão fora de cogitação. Ao estender a democracia ao âmbito econômico, essa requer uma transformação revolucionária das relações sociais capitalistas. Contudo, do mesmo modo que o socialismo incluiria o melhor da tecnologia capitalista, também incluiria os melhores aspectos da democracia liberal. E uma vez que a classe operária não é uma entidade singular e homogênea com idéias e interesses idênticos, a expressão desses interesses requer um sistema multipartidário.

Do mesmo modo que o socialismo incluiria o melhor da tecnologia capitalista, também incluiria os melhores aspectos da democracia liberal.

E uma vez que a classe operária não é uma entidade singular e homogênea com idéias e interesses idênticos, a expressão desses interesses requer um sistema multipartidário.

Dados esses entendimentos sobre o modo socialista de produção, o mercado poderia exercer algum papel se fosse democraticamente decidido. No entanto, os proponentes do socialismo de mercado consideram uma sociedade em que o mercado é o regulador básico da vida econômica. E isso, em minha opinião, é menos claramente compatível com o socialismo. Os socialistas de mercado acreditam ser possível obter as vantagens do mercado capitalista sem suas desvantagens: as desigualdades extremas, instabilidades, e problemas ambientais. Nessa visão, os eleitores poderiam decidir limitar as desigualdades econômicas ou substituir os combustíveis fósseis por energia solar e assim por diante. Tais ações parecem-me altamente improváveis. E se os eleitores realmente pudessem tomar tais decisões contra as pressões competitivas do mercado mundial – se eles pudessem decidir, por exemplo, descontinuar o uso de combustíveis fósseis, apesar da abundância relativa e do tremendo investimento na sua produção – então não está claro o que significa dizer que a dinâmica básica da economia é proporcionada pelo mercado.

É claro que é necessário aprofundar mais as proposições do planejamento democrático e do socialismo de mercado. Mas qualquer papel para o mercado dentro do socialismo deve fluir de uma apreciação da natureza básica da sociedade socialista.

Um princípio socialista fundamental é a “auto-emancipação da classe operária”, e isso deve ser entendido como os meios bem como os fins da revolução socialista. Os marxistas freqüentemente foram acusados de acreditar que “os fins justificam os meios” e é verdade que muita gente sincera que se considerava marxista justificou as ações mais aterradoras na crença de serem necessárias para conseguir uma sociedade mais humana e igualitária. Mas essa é uma visão extremamente antidialética da relação entre causa e efeito. Uma visão mais exata reconhece em que medida os meios determinam os fins. Desde quando Marx e Engels estavam aspirando por uma sociedade dirigida pela classe operária, apenas os meios da auto-emancipação poderiam efetivamente conduzir a isso. Como Rosa Luxemburg colocou no seu panfleto “A revolução russa”:

[...] a democracia socialista não é algo que começa apenas na terra prometida depois que as bases da economia socialista são criadas; ela não chega como uma espécie de presente de Natal para os notáveis [...]

Quando nos voltamos para as questões políticas substantivas, é claro que o problema real é saber exatamente quais são os efeitos para diferentes vias de ação. Mas tendo-se clareza dos objetivos e sobre a interdependência dos meios e fins pelo menos se estabeleceriam critérios de acordo com os quais os socialistas poderiam avaliar as diferentes opções e certamente teriam evitado muitas ações levadas a cabo em nome do marxismo.

Para propósitos específicos, a cautela de Engels no seu prefácio de 1872 é de suma importância: as aplicações práticas dos princípios do *Manifesto* sempre dependem das condições históricas específicas que prevalecem numa determinada época e lugar. Não obstante, quando enfocamos a questão dos meios necessários para atingir o fim da auto-emancipação, a importância fundamental do envolvimento e do controle democrático não pode ser superestimada. Se qualquer cozinheiro pode governar, isso ocorrerá apenas através de um bocado de prática, e antes de tudo devido à crença de que ela ou ele podem governar e governariam. Um estudo recente elaborado por Kate Bronfenbrenner e Tom Juravich, *Assuntos de tática sindical: o impacto das táticas sindicais nas eleições, primeiros contratos e relações entre sócios*, do Institu-

to para o Estudo de Organizações Trabalhistas, mostrou que a variável individual mais importante ao determinar o sucesso nas condutas da organização sindical é o grau em que os operários são mobilizados e envolvidos em todos os tipos de atividades, desde a organização de comitês de fábrica, convocações, comícios freqüentes, até atuação militante. Esforços bem-sucedidos enfocam com menor probabilidade os assuntos tradicionais do pão nosso de cada dia, que assuntos tais como a boa-fé e a dignidade, sejam, pois – eu suspeito –, os assuntos cruciais para a transformação da percepção das pessoas de si mesmas, como seres humanos dignos de coisas melhores e capazes de consegui-las.

Por razões semelhantes, as lutas por serviços públicos novos ou aperfeiçoados poderiam ser combinadas com a exigência de que eles estivessem sob o controle dos seus usuários. Os serviços de saúde e educação são exemplos óbvios na atualidade. Os serviços não só iriam, com maior probabilidade, ao encontro das necessidades dos usuários, mas muito mais importante é o fato de que os usuários teriam uma relação diferente para com os programas, o que teria impactos em sua consciência. Eles seriam mais ativos que passivos: o programa passaria a ser “deles” ao invés de ser de uma burocracia impessoal, e eles se sentiriam mais poderosos e não desamparados. É claro que controlar os serviços públicos é muito mais difícil do que consegui-los, como atestam inúmeros exemplos. Mas a dificuldade de ganhar o controle é maior razão para lutar por ele. Como Rosa Luxemburg enfatizou ao longo do seu trabalho, até que uma revolução socialista seja exitosa, o mais importante resultado das lutas da classe operária é construir a autoconfiança e a organização da classe operária através da experiência prática. Nas palavras dela: “A atividade por si educa as massas.” Essa concepção da importância da mobilização da classe operária radicaliza a luta por reformas e expressa uma compreensão da auto-emancipação tanto dos meios como dos fins da revolução socialista.

Se queremos salvar a idéia do socialismo da experiência grotesca do stalinismo, o que é essencial como parte de nossa luta contra o capitalismo, devemos desenvolver uma visão desejável e realista do socialismo. A questão do papel do mercado no socialismo deve ser colocada no arcabouço esboçado acima ou em outro, e, como vimos, confusões profundas resultam disso. A clareza nessas idéias fundamentais do marxismo e a ênfase em preparar os trabalhadores para que se tornem a classe dirigente é o único caminho para assegurar que no próximo tempo a batalha pela democracia não será perdida.